



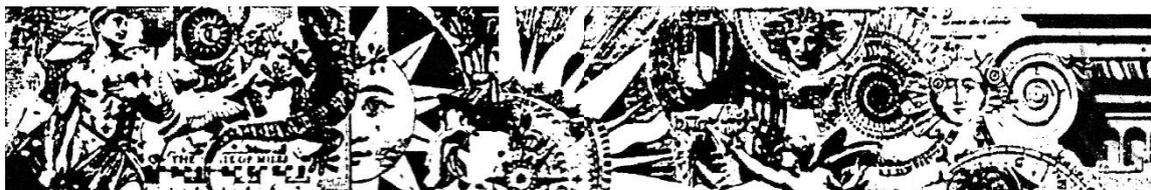
UM MUNDO SEM FOME: JOSUÉ DE CASTRO E A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA

■ ARCHIE DAVIES

Lecturer in Geography and Fellow of the Institute of Humanities and Social Sciences, Queen Mary University of London. a.davies@qmul.ac.uk

Recebido em: 02/02/2022

Aprovado em: 02/06/2022



Resumo: Este artigo descreve a contribuição do meu livro, *A World Without Hunger: Josué de Castro and The History Of Geography*, para estabelecer conversas transatlânticas sobre a história do pensamento sobre o espaço, a natureza e a justiça social. Centrando-se nas bases arquivísticas fragmentárias e abertas para a leitura da biografia de Josué de Castro, este artigo apresenta a estrutura cronológica e biográfica do livro, que é sustentada por preocupações temáticas que emergem de uma leitura contextual e intertextual da vida e obra de Josué de Castro. O artigo começa com sua abordagem nutricional da geografia da fome para interpretar sua vida e obra como uma geografia crítica na teoria e na prática, seguindo Castro desde seu lugar em uma tradição brasileira de influência francesa, até colocar a geografia em locais menos familiares na ONU e a FAO, e no regionalismo radical do Nordeste brasileiro, até os últimos anos de Castro no contexto acadêmico proto-revolucionário da década de 1960 parisiense

Palavras chaves: Josué de Castro; fome; biografia; arquivos.

A WORLD WITHOUT HUNGER: JOSUÉ DE CASTRO AND THE HISTORY OF GEOGRAPHY

ABSTRACT: THIS PIECE OUTLINES THE CONTRIBUTION OF MY BOOK, *A WORLD WITHOUT HUNGER: JOSUÉ DE CASTRO AND THE HISTORY OF GEOGRAPHY*, TO TRANSATLANTIC CONVERSATIONS ABOUT THE HISTORY OF THINKING ABOUT SPACE, NATURE, AND SOCIAL JUSTICE. FOCUSING ON THE FRAGMENTARY AND OPEN-ENDED ARCHIVAL BASES FOR READING JOSUÉ DE CASTRO'S BIOGRAPHY, THIS PAPER INTRODUCES THE CHRONOLOGICAL AND BIOGRAPHICAL STRUCTURE OF THE BOOK, WHICH IS HELD TOGETHER BY THEMATIC CONCERNS THAT EMERGE OUT OF A CONTEXTUAL AND INTERTEXTUAL READING OF THE LIFE

AND WORK OF JOSUÉ DE CASTRO. IT BEGINS FROM HIS NUTRITIONAL APPROACH TO THE GEOGRAPHY OF HUNGER TO INTERPRET HIS LIFE AND WORK AS A CRITICAL GEOGRAPHY IN THEORY AND PRACTICE, FOLLOWING CASTRO FROM HIS PLACE IN A FRENCH INFLUENCED BRAZILIAN TRADITION, THROUGH TO PUTTING GEOGRAPHY INTO LESS FAMILIAR SITES AT THE UN AND THE FAO, AND IN THE RADICAL REGIONALISM OF THE BRAZILIAN NORTHEAST, UNTIL CASTRO'S LAST YEARS IN THE PROTO-REVOLUTIONARY ACADEMIC CONTEXT OF THE PARISIAN 1960S.

KEY-WORDS: JOSUÉ DE CASTRO; HUNGER; BIOGRAPHY; ARCHIVES.

UM MUNDO SEM FOME: JOSUÉ DE CASTRO E A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA

RESUMEN: ESTE ARTÍCULO DESCREEVE UNA CONTRIBUCIÓN DE MI LIBRO, *A WORLD WITHOUT HUNGER: JOSUÉ DE CASTRO AND THE HISTORY OF GEOGRAPHY*, PARA ESTABLECER CONVERSAS TRANSATLÁNTICAS SOBRE UNA HISTORIA DEL PENSAMIENTO SOBRE EL ESPACIO, LA NATURALEZA Y LA JUSTICIA SOCIAL. CENTRANDO-SE NAS BASES ARQUIVÍSTICAS FRAGMENTÁRIAS E ABERTAS PARA A LEITURA DA BIOGRAFIA DE JOSUÉ DE CASTRO, ESTE ARTIGO APRESENTA A ESTRUTURA CRONOLÓGICA E BIOGRÁFICA DO LIVRO, QUE É SUSTENTADA POR PREOCUPACIONES TEMÁTICAS QUE EMERGEN DE UMA LEITURA CONTEXTUAL E INTERTEXTUAL DA VIDA E OBRA DE JOSUÉ DE CASTRO. EL ARTÍCULO COMIENZA CON SU ABORDAJE NUTRICIONAL DE LA GEOGRAFÍA DE LA VIDA PARA INTERPRETAR SU VIDA Y OBRA COMO UNA GEOGRAFÍA CRÍTICA DE LA TEORÍA Y LA PRÁCTICA, SIGUIENDO A CASTRO DESDE SU LUGAR EN UNA TRADICIÓN BRASILEÑA DE INFLUENCIA FRANCESA, HASTA COLOCAR UNA GEOGRAFÍA EN LUGARES MENOS FAMILIARES DE LA ONU. E A FAO, E NO REGIONALISMO RADICAL DO NORDESTE BRASILEIRO, ATÉ OS ÚLTIMOS AÑOS DE CASTRO NO CONTEXTO ACADÉMICO PROTO-REVOLUCIONARIO DA DÉCADA DE 1960 PARISIENSE.

PALABRAS-CLAVE: JOSUÉ DE CASTRO; FOME; BIOGRAFIA; ARCHIVOS.

Introdução

Neste texto, que é derivado da introdução do meu livro, *A World Without Hunger: Josué de Castro and the History of Geography*, [Um mundo sem fome: Josué de Castro e a história da geografia], procuro explicar do que o livro trata, mas espero mesmo iniciar aqui uma conversa transatlântica sobre a história do pensamento sobre espaço, natureza e justiça social.

Meu livro tem sete capítulos, disposto em uma ordem cronológica e biográfica não rígida, de modo que todos os capítulos estão interligados por preocupações temáticas que emergem de uma leitura contextual e intertextual da geografia recifense a partir da vida e obra de Josué de Castro. Esta leitura teve como ponto de partida a Geografia da Fome, de autoria de Castro, para ler a sua vida e o seu trabalho como uma geografia crítica na teoria e na prática.

O impulso cronológico acompanha a natureza mutável da geografia da fome através dos seus múltiplos textos e contextos, e coloca o livro contra a paisagem da vida de Josué de castro. Eu acompanho Josué de Castro desde o seu lugar numa tradição

brasileira de influência francesa, até à colocação da geografia em espaços menos familiares como na ONU e na FAO, e no regionalismo radical do Nordeste brasileiro, e no proto-revolucionário parisiense em 1960. Esta passagem cronológica é para dizer que começo desde o seu trabalho inicial na nutrição, e o movimento que fez para um modelo geográfico de análise. Então, volto para o centro da sua carreira editorial nos anos de 1940 (mil novecentos e quarenta) para analisar a tradução, publicação e recepção da sua obra publicada, e como estas histórias podem alterar nossa leitura da própria história da geografia. No terceiro capítulo eu começo a ler para além da obra de Josué de Castro, para conhecer as companhias que as ideias dele mantiveram nos anos de 1940 e 1950, e as conquistas artísticas e intelectuais que ajudaram a suscitar na produção artística brasileira do século vinte. Analiso, então, o trabalho internacionalista de Castro na FAO, antes de retornar ao Brasil, para acompanhar o seu trabalho político e desenvolvimento intelectual, tornando-se um pensador chave do subdesenvolvimento regional do Brasil. A seguir, concentro-me no exílio de Castro em 1964 para abordar a questão do papel do intelectual público na história da geografia antes de, no capítulo final, analisar o período tardio de exílio de Castro em Paris. Eu sugiro e argumento que nos seus últimos anos de ensino, prática e pesquisa possamos ver emergir uma ecologia política anticolonial.

Uma das reivindicações do meu livro é simples: a história da geografia tem sido contada demasiadas vezes com homens brancos, europeus ou norte-americanos no seu centro¹. O meu livro faz parte de um esforço coletivo muito mais amplo que defende que é tempo de expandir a compreensão da disciplina de si própria numa direção transnacional e poliglota. Nesse sentido, o meu livro é dirigido aos geógrafos do Norte, não a vocês, mas espero que, neste diálogo, haja formas de apresentar os argumentos que sejam relevantes para o público leitor brasileiro. Espero oferecer algo de novo, a partir do ângulo onde cheguei e desenvolvi o projeto.

Eu quero utilizar a história da geografia para expandir as ideias geográficas hoje. Para ser mais específico eu utilizo a abordagem biogeográfica que alarga a história da geografia para incluir o pensamento anticolonial, práxis e vidas do sul. Analisar e escrever sobre vidas pode ajudar os geógrafos a contar uma história mais ampla sobre a disciplina, heranças e linhas de investigação. Esta abordagem envolveu seguir conjuntos de conexões entre lugares e história de conhecimento. Meu livro traça a conexão entre a vida e a obra de Josué de Castro e as ligações entre os lugares onde ele viveu e as ideias

¹ Veja por exemplo, o primeiro capítulo de Charles Mayhew's em Agnew and Livingstone (2005), ou mesmo a capa de Martin (2005).

que desenvolveu. Assim, eu “localizo” a geografia urbana de Castro em Recife, a sua geografia regional no Nordeste, e a sua ecologia política na Universidade de Vincennes (onde Josué trabalhou entre 68 e 73 - sessenta e oito e setenta e três) em Paris. Uma abordagem biográfica significa seguir as relações móveis e indeterminadas entre espaço, relações sociais e produção de conhecimento incorporada nas rotas imprevisíveis da vida de uma pessoa. O propósito biográfico deste livro é metonímico: li a vida e obra geográfica de Castro como uma história alternativa da própria geografia no século XX. Argumento que a biografia de Castro pode representar uma nova história política da própria geografia. Isto significa, em primeiro lugar, colocar Josué de Castro na história da geografia. Esta não é uma tarefa simples, pois tem uma série de respostas. A própria relação de Josué de Castro com a história disciplinar da geografia foi muito explícita: ele procurou intervir no desenvolvimento de ideias geográficas em associação e diálogo com grandes pensadores geográficos do passado, de todos os tipos de escolas de pensamento e áreas do mundo. Também participou no que José Borzacchiello da Silva chama de "hegemonia" da geografia francesa no Brasil, estabelecida não só através da difusão da tradição Vidaliana, mas também através da intervenção pessoal de Pierre Monbeig, uma figura importante da geografia brasileira, que foi fundamental para o estabelecimento da disciplina moderna nas universidades brasileiras, e particularmente em São Paulo (Silva (2016, p. 25-29). Apesar de não ser um participante totalmente inscrito da escola 'Vidaliana' da geografia brasileira², nas palavras de Milton Santos “dentro da geografia a posição [de Castro] era a de um autêntico possibilista” (Santos, 2001, p.21). Ele estava empenhado em fazer a análise geográfica sair dos limites disciplinares e entrar num discurso político, intelectual e público mais amplo. Para ele, a geografia foi sempre tanto disciplinar, como expansiva. É esta abertura, juntamente com a sua atenção a uma forma ecológica de pensar³, que Manuel Correia de Andrade defendeu ser a herança crucial de Castro para o pensamento geográfico brasileiro⁴.

O próprio Castro salientou que aprendeu com o povo dos pântanos, os romancistas, a paisagem e a ecologia, além de pegar num tropo Vidaliano da centralidade do trabalho de campo (Bond and Clayton, 2003), e da reivindicação de autenticidade através do realismo (Olivier, 2009), podemos também colocar esta prática na relação de longo prazo entre a prática intelectual e política na América Latina, particularmente sobre questões de terra. Castro fez parte de um fluxo anterior de estudiosos do

² Andrade, 'Josué de Castro e Uma Geografia Combatente', B-7.

³ Veja o prefácio de André Mayer (1964).

⁴ Andrade, 'Josué de Castro e Uma Geografia Combatente', B-7.

subdesenvolvimento e dependência que lançou algumas das bases para a as bolsas de estudo contemporânea dentro do paradigma da modernidade / colonialidade / decolonialidade. Diante da riqueza da investigação neste campo - estamos claramente num momento 'decolonial' no norte global - é um momento propício para a geografia reavaliar Castro. De facto, a história intelectual que o meu livro aborda poderia, espero eu, informar o que são muitas vezes relatos premonitórios de modernidade / colonialidade / decolonialidade em si, vendo uma trajetória mais longa de trocas anticoloniais e anti-imperiais através do norte e do sul. Além disso, como argumento no livro, penso que o Recife e o Nordeste têm um papel importante e subvalorizado na história da Teoria da Dependência, em particular através da SUDENE, e das possibilidades radicais do início dos anos 60 (sessenta), da Frente do Recife e do Movimento de Cultura Popular.

A biografia de Castro, e a história da Teoria da Dependência torna muito difícil defender uma divisão limpa/simples entre o pensamento “decolonial” e “europeu”. A biografia de Castro é uma instigação para pensar seriamente uma variedade de práticas e conhecimentos geográficos, e para acrescentar novas texturas e fontes à história da geografia. Trevor Barnes disse que a tarefa da biografia é caminhar "a fio de faca entre o contexto social (estrutura) e a criatividade pessoal (agência)" (Barnes, 2001, p. 415). Meu livro não é dedicado a seguir os detalhes da vida de Castro. Priorizo suas declarações e práticas políticas, e seus compromissos acadêmicos explícitos, usando sua vida como uma forma de ler seu contexto social mais amplo, mais do que o contrário. No entanto, isto é apenas parte da história. Fui seletivo em minha análise de arquivo, focalizando em particular seus compromissos internacionais, redes e viagens, e suas preocupações regionais, nordestinas. Isto significou, por exemplo, menos atenção a dimensões importantes de sua vida - por exemplo, seu papel na política partidária nacional brasileira. Alguns trabalhos recentes de José Raimundo Sousa Ribeiro Júnior explorou um pouco disto, e eu apontaria o trabalho de Helder Remigio de Amorim (2017) como uma referência chave aqui.

Minha própria abordagem da biografia é que ela é um meio de rastrear, povoar e analisar a história das ideias. Isto segue o que Hodder chama de

"um tipo diferente de trabalho biográfico, que se preocupa menos em conhecer uma vida em si e mais como essas experiências podem lançar luz sobre os mundos sociais e culturais mais amplos que uma vida habita" (Hodder, 2017, p. 453).

Eu li, principalmente, a biografia de Castro focando no que ele tem para nos contar sobre a geografia da fome, e sua história, mesmo que às vezes, essa história precise ser contada através dos detalhes íntimos e cotidianos de uma vida vivida.

Esta pesquisa se baseia em um corpo complexo de material de arquivo. O arquivo da vida de Castro é copioso e altamente mediado, de modo que uma vida unificada é fugidia, mesmo que um historiador se propusesse a reconstruir uma, seria difícil. Eu aumentei e diminuí o zoom dos arquivos, encontrando momentos de densidade no registro que eu coloco em uso. No entanto, às vezes ignoro episódios que produziram uma riqueza de material de arquivo, e às vezes gasto muito tempo lendo fragmentos, por exemplo, para juntar o trabalho de Castro na Universidade de Vincennes.

Eu coloquei junto desta motivada biografia intelectual o arquivo de Castro em conversa com sua produção publicada e com os muitos traços de sua prática política. Isto para encontrar a teoria geográfica em lugares móveis e fragmentados.

Então, na seção principal da minha fala aqui, eu quero me concentrar neste arquivo.

A vida e a obra de Castro estão disponíveis como objeto de estudo graças a duas práticas, às vezes contraditórias: a publicação e o arquivamento. Ele foi publicado e arquivado durante sua vida, e após sua morte. Ambos os tipos de prática têm sido conduzidos de maneiras desiguais, às vezes confusas. Ao lado de seu trabalho publicado, ele deixou um rico arquivo pessoal, bem como vestígios em vários repositórios em Paris, Rio de Janeiro, Brasília, Roma e em outros lugares.

O arquivo próprio de Josué de Castro, agora na Fundação Joaquim Nabuco em Recife ("Fundaj"), foi anteriormente instalado no Centro Josué de Castro, que foi fundado em Recife em 1979, e agora está em declínio, mantendo apenas uma parte das lembranças da vida de Castro. Estas instituições se propuseram a reparar o legado de Castro, grande parte do qual foi perdido durante a ditadura militar brasileira que limitou o estudo de seu trabalho.

O arquivo compreende cerca de 30.000 (trinta mil) documentos relacionados com a vida de Castro, desde recortes de jornais até correspondência e rascunhos de manuscritos (Amorim, 2016). Mais uma vez, Helder Remigio Amorim fez aqui um trabalho historiográfico crucial. Eles foram em grande parte coletados pela esposa de Castro, Glauce, mas com a ajuda não só do próprio Castro antes de sua morte, mas também de amigos e colaboradores nos anos seguintes. O arquivo abriga alguns documentos notáveis. Por exemplo, um telegrama enviado a Castro pelo governo cubano na manhã seguinte à invasão da Baía dos Porcos. Também tem algumas coisas

engraçadas, como uma nota sardônica sobre a cobertura da imprensa norte-americana do Nordeste para o editor da revista *Time*, mas inevitavelmente contém muito do que Brent Hayes Edwards chama de "a inexorável produção do ordinário" (Edwards, 2012, p. 946). Embora o arquivo tenha um índice, ele é muitas vezes impreciso e incompleto, portanto o processo de pesquisa produz sinergias inesperadas e muitos pedaços de textos que são difíceis de datar, situar e, em muitos casos, identificar.

Castro foi um lançador insaciável de projetos e elaborador de planos. Alguns dos projetos desenvolvidos são identificáveis no arquivo, mas outros parecem perdidos. A saúde precária explica alguns dos projetos abandonados, enquanto em outros casos, as coisas permanecem obscuras. Embora o arquivo Josué de Castro na Fundaj seja extremamente extenso, ele também é parcial. Por exemplo, Castro manteve um diário nos anos 50 (cinquenta) que seria um valioso recurso para pesquisas históricas posteriores, e os arquivos policiais brasileiros da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) continuam sendo de difícil acesso.

Uma pesquisadora - Tânia Elias Magno da Silva - teve acesso ao arquivo familiar, por um período de tempo limitado, sob supervisão⁵. É mantido pela filha de Josué de Castro, Ana Maria de Castro. Uma biografia íntima de Castro precisaria se basear nestes materiais pessoais em profundidade. Meu livro, no entanto, está menos preocupado com a vida interior de Castro, e mais com sua manifestação contextual no mundo. Evidentemente, este não é um binário estável ou útil - o pessoal é sempre político, e o político pessoal - mas é um ponto de partida relevante para considerar meu próprio ângulo sobre o arquivo, que tem tendido para o público e para o publicado.

Meu interesse em Castro começou, é claro, não no arquivo, mas no mundo. Mais especificamente, ouvi falar dele pela primeira vez através do movimento *Mangue Beat* do início dos anos 90 (noventa), com sede em Recife. A primeira pergunta que fiz sobre Castro não foi sobre sua teoria geográfica, mas por que este movimento musical jovem, inovador e urbano do início dos anos 90 (noventa) nomeou um nutricionista e geógrafo morto há muito tempo como figura principal? Foi por interesse nas qualidades orgânicas da jornada intelectual de Castro, e nas qualidades regionalmente específicas de seu radicalismo, que meu interesse começou. Procurando discutir seu trabalho em geografia anglófona, encontrei algumas referências a Castro - por acadêmicos como Nancy Scheper-Hughes, Keith Buchanan e Michael Watts - mas embora todos eles tenham

⁵ Veja Silva, 'Josué por ele mesmo: o diário'. No entanto, vale a pena notar que o acesso de Silva também foi limitado, por isso esperamos que um dia seja possível uma consideração mais completa. (Comunicação Pessoal, Março de 2017).

declarado seu significado, não desenvolveram nenhuma análise mais detalhada, nem colocaram sua escrita geográfica em prática. O interesse transitório, daqueles acadêmicos por Castro, despertou minha curiosidade: se ele é citado como um predecessor significativo para a análise geográfica do terceiro mundo, e da economia política da fome, por que seu trabalho permaneceu inexplorado em inglês? Eu me aproximo do arquivo, então, de fora para dentro, não de dentro para fora.

Quero passar algum tempo dando a vocês uma noção da natureza do arquivo, e como o utilizo em meu livro. Vou fazer isso para mostrar como a vida e o arquivo de Castro podem ser lidos como uma história de geografia escrita em grande escala.

Para contar esta história, darei zoom em um único arquivo.

O arquivo 545 (quinhentos e quarenta e cinco) da coleção pessoal mantida no Fundaj é um exemplo típico do arquivo em sua riqueza, sua aleatoriedade e suas indeterminações. O arquivo recebe o título de "Miscelânea não é correspondência", uma formulação enigmática que poderia ser traduzida como "Miscellanea is not correspondence". A pontuação em falta dá uma qualidade endeusadamente aforística ao título. Como é impossível apresentar um livro em 45 minutos, espero que esta miscelânea dê a vocês uma visão do escopo e alcance que o livro abarca, e o pensamento que se abre através da biografia de Castro.

Quero nomear o conteúdo deste único arquivo de miscelânea. O primeiro documento é uma série de páginas datilografadas frágeis, que não estão reunidas sob uma página de título, mas que parecem ser uma versão em português das notas da reunião de novembro de 1951 do Conselho Executivo da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, da qual Castro foi presidente do Conselho na época. Elas são impressas em papel do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio brasileiro, presumivelmente porque Castro desempenhou lá uma de suas muitas funções consultivas em vários pontos. Castro guardou e reutilizou vários cabeçalhos, e esses cabeçalhos podem ser pistas falsas na identificação das fontes e datas dos documentos; só porque o cabeçalho diz que se refere a Universidade do Brasil não significa que o documento em sua mão é de seu período naquela instituição, pode ser de uma década depois. Este documento é típico em sua qualidade multilíngue e enigmática: Castro trabalhou em francês na FAO e o português não era um dos idiomas oficiais, então esta foi uma tradução feita para os colegas brasileiros? Não está claro.

Abaixo estão os documentos oficiais da FAO, em inglês, da mesma conferência, e instruções formais do Secretário das Relações Exteriores do Brasil sobre a posição a

ser assumida pelo Brasil na conferência da FAO. Abaixo destes documentos, saltamos dois anos para duas cópias idênticas de um comunicado de imprensa do Senador americano James E. Murray sobre a questão de uma Reserva Alimentar Internacional. Abaixo está uma petição sem data, assinada à mão, "um Manifesto ao povo pernambucano" que pede que seja realizada uma celebração formal em homenagem aos 50 (cinquenta) anos de Castro (portanto, é de 1958), no Teatro Santa Isabel, o principal teatro do Recife. É assinado à mão por um grupo de estudantes.

A seguir, um programa para um curso médico especializado em 'alimentação e nutrição' para a Universidade do Brasil, ministrado por Castro, abrangendo ciência metabólica clínica, fisiologia e dietética. É provável que seja de meados da década de 1940. Um documento fascinante ao pensar sobre a relação entre a história da geografia e a história da nutrição, e a história do estado social brasileiro e da educação brasileira. Depois de uma série de documentos formais do Estado concordando sobre as relações entre o Brasil e a FAO é um documento estranho: é um "relatório" de um autor sem nome, escrito no início dos anos 1960. Parece ser de um dos consignatários políticos de Castro. Ele contém uma avaliação polêmica do estado da política nordestina, e um plano detalhado de como "nós" avançaremos, politicamente, através da ASCOFAM, a proto-ONG de Castro ativa no Nordeste do Brasil a partir dos anos 1950. Ele coloca Castro no coração das lutas internas do Partido Trabalhista Brasileiro, e como aliado político em termos de primeiro nome com o então Presidente do Brasil, João Goulart, vulgo "Jango".

Depois disso, um comunicado de imprensa, aparentemente da Associação Mundial de Parlamentares, datado de 16 de outubro de 1963, que descreve um discurso de Castro que "fez com que a fumaça saísse das janelas do anexo do Palácio Wilson da Antiga Liga das Nações", no qual Castro "puxou a audiência para a realidade contemporânea" e "trovejou" sobre a necessidade de "uma perspectiva Einsteiniana na Era Nuclear".

Por baixo disso está um programa, em inglês, para uma estadia em Moscou, depois fragmentos de um documento relacionado ao movimento internacional de paz pós-guerra e à conferência Pugwash. Entre estes, uma breve nota, sem assinatura e sem data, em inglês: "ideia para o livro" (Ideia for a book): "Não existe um livro (que eu conheça) que dê uma apresentação gráfica, país por país, da vida diária real dos povos do mundo em termos das três necessidades da vida: alimentação, abrigo e vestuário".

O livro não foi escrito.

A seguir, um discurso em francês de Castro sobre as propostas de Khrushchev para o desarmamento geral, no qual ele anuncia 'Le Plan Vert International' [O Plano Verde Internacional] da Associação Mondiale de Lutte contre la Faim [a Associação Mundial contra a Fome]. Ele precede o que parece ser uma proposta anotada em francês para um filme chamado 'Terre Humaine', sem assinatura e sem data, embora aparentemente escrito por Castro pouco depois de 1960 (mil novecentos e sessenta). O filme conta a história do século XX e a geografia global da fome através de uma série de vinhetas, passando de 'Guerre et Bidonvilles' [Guerra e Favelas] para 'UNICEF-OMS' [UNICEF-OMS]. Parece que o filme foi provavelmente planejado dentro dos auspícios do trabalho de Castro com a Campanha Mundial contra a Fome no início dos anos 60 (sessenta), mas é difícil ter certeza.

O próximo documento é a partitura: 'A BRAVE NEW WORLD: Hymne of the world citizens' [UM MUNDO NOVO BRAVO: Hino dos citizens do mundo], Dedicado a Jos[u]é de Castro, Président of the world citizens' [sic] [Presidente do mundo citizens] [sic]. A letra da canção [é executada: Quando a paz estiver em seu coração, então a Paz reinará o Mundo, Vamos todos alcançar as mãos, unir as nações, E forjar um novo mundo corajoso". É seguida por uma versão da letra em esperanto.

A seguir, uma longa proposta para quatro conferências sobre a geografia da América Latina: em espanhol, sem assinatura, sem data, em papel em branco. Parece possível que este documento esteja ligado a uma das últimas publicações de Castro, "Adonde va America Latina? [Para onde vai a América Latina] (Castro, 1966). Esse documento, provavelmente de 1966, precede um "Programa Proposto para o Segundo Congresso Mundial de Médicos para o Estudo das Condições de Vida no Dia de Hoje", datado de abril de 1956. Castro foi associado a esse congresso - uma espécie de grupo de pressão internacional para médicos progressistas que trabalhou para chamar a atenção do público para a relação entre saúde e nutrição - por alguns anos, inclusive atuando como seu presidente. Finalmente, há uma homenagem de 12 (doze) páginas, em inglês, a Lord John Boyd Orr.

Em meu livro, volto a vários elementos deste sortimento variado. Como um todo, ele testemunha a natureza da vida e do trabalho de Castro, e as possibilidades do arquivo ao pensar na prática política de fazer geografia. Está cheio de possibilidades tentadoras, e de conexões inesperadas. Muitos dos fios, quando puxados, se desmancham em suas

mãos, outros levam a poços profundos. Minha abordagem no livro é confiar nas idiossincrasias do arquivo, e desfrutar de suas bordas desgastadas.

Há uma distinção importante a ser feita entre os legados nordestinos, brasileiros e internacionais de Castro. Estas escalas se inter-relacionam de formas complexas: as histórias disciplinares regionais estão implicadas em histórias internacionais. A vida e as ideias de Castro tomaram rumos inesperados e surgiram em lugares inesperados. Investigo sua biografia para explorar como seus conceitos geográficos, posições e compromissos, particularmente em torno da fome, tiveram resultados extremamente variáveis em diferentes escalas e em diferentes instituições e conversas.

Quero apresentar três pontos teóricos a partir desta história.

Primeiro, o Arquivo 545 (quinhentos e quarenta e cinco) exemplifica a natureza multifacetada, confusa e complicada de uma vida geográfica. Para usar a frase do historiador da geografia David Livingstone (1992), a "bagunça situada" da biografia de Castro nos mostra uma história disciplinar alternativa fora dos departamentos universitários e as histórias tradicionais do desenvolvimento da geografia. A biografia é confusa tanto em termos de como ela é escrita, quanto de como é vivida. Estes documentos mostram momentos na trajetória de Castro desde as preocupações pernambucanas - como mostra o relatório político - até uma posição declaradamente globalista nos anos 60 (sessenta), na forma do hino, e a Associação do Parlamento Mundial. As interações entre seus interesses regionais e globais merecem ser mapeadas para entender o significado mutável das diferentes escalas de práxis geográfica. Estes documentos, e o resto do arquivo, também atestam um momento particular do pós-guerra no qual projetos visionários utópicos, para resolver a fome global, estavam sendo debatidos em instituições internacionais. O trabalho de Castro conecta esta história com o desenvolvimento disciplinar da geografia. O que estes arquivos nos lembram é como, quando analisados através da vida de um geógrafo, podemos ver uma disposição geográfica, e um conhecimento geográfico, como múltiplo e complexo.

Em segundo lugar, estes documentos mostram o significado da linguagem e da tradução.

Josué de Castro trabalhou em, pelo menos, quatro idiomas; estudando, ensinando e publicando em inglês, espanhol, francês e português. Para além disso, falava também esses quatro idiomas, incluindo, ainda, italiano. Um estudo do acervo de Josué de Castro nos pode ajudar a incluir tradução e práxis nas nossas histórias de geografia. Nos trechos que mostrei vemos alguns destes idiomas, assim como o esperanto. O surgimento do

esperanto no arquivo foi um momento importante para mim, pois cristalizou a importância da política da língua, do multilinguismo e da tradução para pensar não só na vida de Josué de Castro, mas também na história da geografia de forma mais ampla. Não direi mais sobre isto aqui, mas passo muito tempo analisando isto em meu livro.

Em terceiro lugar, estes documentos mostram como a geografia da fome de Josué de Castro tornou-se uma geografia crítica na prática. Ele não completou suas próprias formulações de uma geografia radical, e seu trabalho retém muitas heranças de uma tradição geográfica francesa regionalista e subteórica, mas quando vemos suas ideias em ação em todos esses diferentes cenários, podemos identificar sua vida e seu trabalho como a de uma verdadeira geografia crítica, na prática.

Conclusão

Como um todo, portanto, meu livro traz uma história intelectual alternativa de geografia crítica que atravessa o norte e o sul, através do multilinguismo e entre a teoria e a práxis. De certa forma, isto oferece uma codificação retrospectiva da geografia como tema político "antes" da guinada política da geografia. Para levantar a formulação de Roberto Schwarz, Castro figura nesta história como uma espécie de pioneiro "fora do lugar", tanto em relação aos lugares em que se situa a politização da geografia, quanto em relação às dimensões hegemônicas de seu próprio contexto intelectual brasileiro. Eu argumento que a biografia de Castro dá novos ângulos sobre as escalas e formas pelas quais o trabalho intelectual se torna praxe política em geografias históricas específicas. É colocando o pensamento geográfico num contexto histórico e biográfico rico que podemos ver como a geografia da fome se tornou uma geografia crítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGNEW, J.; LIVINGSTONE, D. (eds.) *The SAGE Handbook of Geographical Knowledge*, London: SAGE, 2011

AMORIM, H. R. "Um pequeno pedaço do incomensurável": a trajetória política e intelectual de Josué de Castro', *Tese de Doutorado*, UFPE, November 2016, <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/23349>.

AMORIM, H. R. "Arquivar a própria vida": o acervo pessoal Josué de Castro como instrumento para a pesquisa histórica', *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais* 6, no. 1 (July 2017): 135–144, doi:10.17564/2316-3801.2017v6n1p135-144.

BARNES, T. J. "Lives lived, and lives told: biographies of geography's quantitative revolution." *Society and Space: Environment and Planning D* 19. 409-29 (2001).

- BOWD, G.; CLAYTON, D. 'Fieldwork and Tropicality in French Indochina: Reflections on Pierre Gourou's *Les Paysans Du Delta Tonkinois*, 1936: Fieldwork and Tropicality in French Indochina', *Singapore Journal of Tropical Geography* 24, no. 2 (June 2003): 147–168, doi:10.1111/1467-9493.00149.
- CASTRO, J. de *Adónde va la América Latina?: Dinámica del desarrollo, cambios y resistencias Sociales*. Lima: Editorial Latino Americana, 1966.
- EDWARDS, B. H. 'The Taste of the Archive', *Callaloo* 35, no. 4 (2012): 946, doi:10.1353/cal.2013.0002.
- HODDER, J. 'On Absence and Abundance: Biography as Method in Archival Research', *Area* 49, no. 4 (December 2017): 453, doi:10.1111/area.12329.
- LIVINGSTONE, D. 'In Defence of Situated Messiness: Geographical Knowledge and the History of Science', *GeoJournal* 26, no. 2 (1992): 228–229.
- LIVINGSTONE, D. *The Geographical Tradition: Episodes in the History of a Contested Enterprise*. Oxford: Blackwell, 1993.
- MARTIN, G. J. *All Possible Worlds: A History of Geographical Ideas*. Oxford University Press, 2005, <https://ideas.repec.org/b/oxp/obooks/9780195168709.html>.
- MAYER, J. *Josué de Castro, Géographie de la faim: le dilemme brésilien : pain ou acier*. Paris: Éditions du Seuil, 1964.
- OLIVIER, O. *De Plain-Pied Dans Le Monde*. L'Harmattan, 2009.
- SANTOS, M. 'Josué de Castro e a Geografia Da Fome', in *Geografia Da Fome*, by Josué de Castro. Lisbon, Portugal: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 2001.
- SILVA, J. B. da, *French-Brazilian Geography: The Influence of French Geography in Brazil*. Springer, 2016.